



O PRÉ-ÉDIPO E A IMPOSSIBILIDADE DO DESEJO FEMININO EM *LA PIANISTE* (2001) DE MICHAEL HANEKE

Inês Monteiro Lopes [1],
Leonor Lopes [2], Maria Cameira [3]
[1] – Unidade Local de Saúde Arco Ribeirinho
[2] – Unidade Local de Saúde do Alto Minho
[3] – Unidade Local de Saúde São José

INTRODUÇÃO - O FILME

Aclamado pela crítica e vencedor dos três maiores prémios em Cannes, o filme *La Pianiste* apresenta-nos Erika, uma professora de piano na Academia de Música de Viena, virtuosa e austera em igual medida, que vive secretamente sob o jugo da mãe castradora nos mais pequenos detalhes do quotidiano. Isolada numa incapacidade de relacionamento e de extravasamento da sua sexualidade, encontra refúgio em instintos parafilicos, construídos em torno de cinemas pornográficos, passeios nocturnos de voyeurismo mórbido e rituais de auto-mutilação. Quando se envolve com um aluno carismático fascinado pelo seu talento todas as fantasias impossíveis até então assomam-se num frenesim difícil de conter. O limiar ténue entre o desvio, a perturbação, o abismo da loucura e a dita normalidade no feminino, repleta de segredos inconfessados, é desafiado e a protagonista conhece o espaço que afinal existe entre o perverso e a pungência da sua execução.

O ESTÁGIO PRÉ-ÉDIPO E A REPRESSÃO PATRIARCAL

De um ponto de vista psicanalítico freudiano, o filme desconstrói a narrativa clássica do Édipo, sugerindo que o desejo feminino é bloqueado pela autoridade materna e pela ausência de figuras masculinas capazes de mediar essa transição. Erika Kohut fica estagnada num limbo pré-edipiano, sem a resolução típica do complexo de Édipo, o que impede a integração de uma sexualidade madura.

De acordo com autores como Julia Kristeva, o estágio pré-edipiano é caracterizado por uma ligação simbiótica com a mãe, que é tanto adorada quanto temida pela criança devido à sua dependência dela e à proximidade com seu corpo – uma proximidade que faz com que a criança interprete mal a sua mãe como parte de si mesma e tema a incorporação pela mãe.. No caso de Erika, essa ligação permanece patológica, não permitindo o desenvolvimento de uma identidade sexual independente. A sua relação com o desejo é marcada por frustração e violência autoinfligida, traduzindo uma incapacidade de se separar da figura materna e de encontrar uma expressão sadia do desejo

LACAN: O SIMBÓLICO E O IMAGINÁRIO

A teoria de Jacques Lacan oferece outra leitura possível na interpretação do filme: a protagonista parece nunca adentrar completamente o domínio do “simbólico” (a ordem das leis e da linguagem) e permanece presa no “imaginário” (o mundo das imagens e da ilusão). O desejo de Erika é puramente imaginário, incapaz de ser mediado pelas estruturas sociais que regulam o desejo no simbólico, o que reforça a ideia de uma sexualidade impossível-



PULSÃO DE MORTE E MASOQUISMO

Erika encarna o conceito freudiano de pulsão de morte, que Freud descreve como uma força destrutiva voltada contra o próprio sujeito. O seu comportamento sexual violento, marcado por masoquismo e auto-sabotagem, reflecte o fracasso da sublimação das pulsões, que leva a uma busca de prazer na autodestruição.

A SUBMISSÃO AO DESEJO MASCULINO, AUTONOMIA E AUTOSSABOTAGEM

Erika tenta encenar o desejo masculino por meio de sua relação com Walter, o jovem aluno. Contudo, em vez de encontrar prazer ou realização, vê-se num ciclo de submissão, incapaz de equilibrar a sua própria sexualidade com a do outro. De acordo com teóricas como Luce Irigaray, esse desequilíbrio simboliza a impossibilidade da mulher, no contexto patriarcal, de definir seu próprio desejo fora da lógica masculina. Erika está constantemente à beira da autonomia, mas resvala sempre na sabotagem de si mesma. Ao contrário de uma mulher emancipada, é uma personagem que internaliza o controle patriarcal. Como Irigaray sugere, o desejo feminino muitas vezes é negado pela própria estrutura social, o que resulta em comportamentos autodestrutivos.

O SILÊNCIO COMO REPRESSÃO

Haneke usa o silêncio como um símbolo da repressão do desejo. Erika raramente verbaliza suas emoções ou desejos, refletindo o que Lacan chamaria de "ausência de palavra" no feminino, uma condição onde o desejo feminino não pode ser plenamente articulado no sistema simbólico patriarcal.